

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

VALKÍRIA OLIVEIRA DE MELO

**OS GRAUS DA ALMA EM *O ESPELHO* DE MARGUERITE PORETE: O
ANIQUILAMENTO COMO CAMINHO PARA UNIÃO COM AMOR**

CAMPINA GRANDE

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

VALKÍRIA OLIVEIRA DE MELO

**OS GRAUS DA ALMA EM *O ESPELHO* DE MARGUERITE PORETE: O
ANIQUILAMENTO COMO CAMINHO PARA UNIÃO COM AMOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Filosofia sob a orientação da Prof^ª. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira.

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528g Melo, Valkiria Oliveira de.
Os graus da alma em O espelho de Marguerite Porete
[manuscrito] : o aniquilamento como caminho para união com
amor / Valkiria Oliveira de Melo. - 2014.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia e Ciências sociais".

1. Filosofia. 2. Alma. 3. Aniquilamento da alma. 4. Amor. I.
Título.

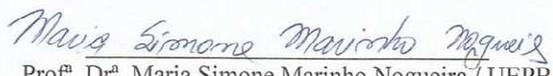
21. ed. CDD 100

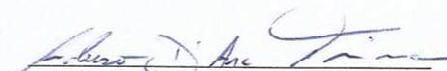
VALKÍRIA OLIVEIRA DE MELO

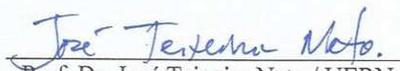
**Os graus da alma em *O Espelho* de Marguerite Porete: o
aniquilamento como caminho para união com amor**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 05/12/2014.


Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira / UFPB
Examinador


Prof. Dr. José Teixeira Neto / UERN
Examinador

À *Amor* que com seu infinito amor nos acolhe em todos os momentos.

Aos meus pais, Verônica e Valdemir e, meus amados e preciosos irmãos, Valeska, Danylo, Dyego, Wanderson e Sophia, que são mais que irmãos, são presentes de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus que me guiou ao longo desses quatro anos e que foi meu maior incentivador na minha jornada filosófica e que eu tanto amo.

A minha família que também me ajudou muito, principalmente minha mãe, Verônica Oliveira que, como mãe, nunca me deixa desanimar, acreditando e lutando sempre por meus sonhos e também a meu pai, Valdemir Oliveira. A meus irmãos amados, Valeska Oliveira, Dyego Oliveira, Danylo Oliveira, Wanderson Oliveira e a pequena Sophia Oliveira, que tanto nos alegra o coração.

Aos meus mestres que nesses quatro anos me fizeram crescer tanto intelectualmente como quanto pessoa. Todos foram importantes nessa jornada, mais sempre tem aqueles que se tornam mais especiais e que nos desperta um carinho especial e minha querida orientadora foi um deles, Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, que além de ser um exemplo como professora é um exemplo como pessoa, e a quem eu tanto admiro, com sua simplicidade consegue nos cativar.

Não podia esquecer os meus colegas de turma, os quais dividem uma parte da minha vida, uns mais outros menos. As minhas amigas Anna Michelle, Barbara, Fabiana, Jozelma e Solange que, juntamente com Rosinete, Ana Ferreira e Ligia dividimos muitas conversas filosóficas.

De forma geral, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação.

Estar vazio de toda criatura é estar cheio de Deus, e estar cheio de toda criatura é estar vazio de Deus (Mestre Eckhart).

RESUMO

O objetivo desse trabalho é mostrar o pensamento de Marguerite Porete, mais especificamente os graus da Alma, em sua obra *O Espelho das Almas Simples*, que tem como principal tema o processo que leva a Alma ao aniquilamento e a sua união com o Fino Amor. Para chegar ao aniquilamento e ao grau mais alto de sua união mística com Amor, a Alma passa por seis graus, também chamados estágios ou estados, perdendo a cada grau sua vontade para que a vontade de Amor impere nela, quando aniquilada. Nos quatro primeiros estágios da Alma ela ainda vive em grande servidão em relação a sua vontade, mesmo com a morte do pecado no primeiro grau e a morte da natureza no segundo estado. No quarto estado, a Alma inebriada por Amor, ainda conserva a faculdade da vontade. Somente no quinto estado, quando a Alma morre para sua vontade, ela, compreendendo seu nada, aniquilar-se-á, libertando-se do que lhe prendia de estar com seu Amado. No sexto grau a Alma se encontra no nada. Nossa pensadora ainda sugere um sétimo grau, mas desse ninguém pode falar, pois se trata da vida da qual só teremos compreensão quando nossa alma deixar nosso corpo e que ela chama de glória eterna. Sendo assim, refletiremos sobre os graus da Alma como um processo de aniquilamento necessário na busca da união com o Divino.

Palavras-chave: Graus. Alma. Aniquilamento. Amor.

ABSTRACT

The objective of this work is to show the thought of Marguerite Porete, more specifically the degree of the Soul, in her work *The Mirror of Simple Souls*, that has how the main theme the process that leads to the annihilation Soul and her union with the Fine Love. To get to the annihilation and to the highest degree of her mystical union with Love, the Soul goes through six degrees, also called stages or states, losing every degree your desire to the desire of Love reigns in it, when annihilated. In the first four stages of the Soul, she still lives in great bondage for her desire, even with the death of sin in the first degree and death of nature in the second state. In the fourth state, the Soul intoxicated by love, yet conserve the college of the desire. Only fifth state, when the soul dies to her desire, she, comprising its nothing, will annihilate, releasing up than held her to be with her Dear. In sixth degree, the Soul is in nothing. Our thinker suggests a seventh degree, but that no one can speak, because it is the life that only we will understand when our soul leaves our body and what she calls the eternal glory. So, we will reflect about the degrees of the Soul as a process of annihilation necessary in the search for union with the Divine.

Keywords: Degrees. Soul. Annihilation. Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: A ESPIRITUALIDADE FEMININA NO MEDIEVO	12
1.1. AS BEGUINAS.....	12
1.2. MARGUERITE PORETE: VIDA E MORTE	14
1.3. <i>O MIROUER</i>	18
CAPÍTULO II: A ALMA, DESPOJADA DE SI, CAMINHA PARA SEU AMA- DO	21
2.1. AS TRÊS MORTES	21
2.2. SOBRE O NADA.....	25
2.3. SOBRE A LIBERDADE.....	26
CAPÍTULO III: OS GRAUS DA ALMA	28
2.1. OS GRAUS DOS QUAIS SE PODE FALAR	29
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um pouco do pensamento/livro de Marguerite Porete, nascida por volta de 1260, no Condado de Hainaut, na cidade de Valenciennes, na França, próximo à região da Bélgica. Ela foi uma beguina clériga, da região do Reno, e muito provavelmente influenciou a mística renana, tendo vivido em meados do século XIII e início do século XIV. A fonte principal para a pesquisa será seu único livro *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*, que provavelmente foi escrito em meados de 1290. Pouco se sabe sobre a vida de Marguerite, os únicos registros que se tem da beguina são do processo inquisitório que a levou à morte em 1310, condenada como “herética recidiva, relapsa, e impenitente”. Marguerite Porete foi acusada de heresia e queimada em Paris no ano de 1310. Muito se especula sobre os motivos que a levaram à fogueira. A principal especulação gira em torno de ela ser uma mulher pregando sobre Deus na língua vulgar, diferentemente dos religiosos da época que faziam seu discurso em Latim. Mesmo fazendo uso de uma linguagem para o povo, vê-se em sua obra um conhecimento teológico e literário que nos remete a pensar que ela era da alta sociedade, pois só as mulheres de classe superior tinham acesso à educação.

Um estudo muito importante sobre a obra de Marguerite é, sem dúvida, o de Romana Guarnieri. A descoberta da verdadeira autora do livro deu-se principalmente por algumas sentenças que foram condenadas como heréticas pelos inquisidores que, comparadas a algumas sentenças do *Mirouer* chegou-se a conclusão que se tratava do livro da beguina que fora queimada. Com isso, Guarnieri em 1944 tornou pública a descoberta em um artigo no *L'Osservatore Romano* de 16 junho de 1946. Guarnieri, quando estava estudando o Movimento do Livre Espírito, que também foi condenado como herético pelo Concílio de Viena, descobriu que a obra que foi preservada por muito tempo em mosteiros, não era como pensavam até então ser de uma beata dominicana e húngara, mas de Marguerite que assim como seu livro fora condenada à fogueira. Desta forma, Guarnieri restituiu a autoria do livro a sua verdadeira autora.

Para compreendermos o livro de Marguerite devemos começar pela compreensão do seu título, *O Espelho das Almas Simples*. Era muito comum, na época, ser usado o termo “espelho” em alguns escritos que seriam livros de instrução religiosa, servindo para instrução

moral ou espiritual. Explicado o motivo do termo espelho, que no caso do livro de Marguerite seria um espelho de instrução espiritual, passamos a explicar outra característica forte e predominante de sua obra, o modo que a autora o escreve. Trata-se de um texto em prosa e em verso, que sofreu influência da época, um romance de amor cortês, que mistura os gêneros épico, cortês, alegórico, escrito ora em verso e ora em prosa. Ela faz uso de personagens, os principais são: Amor, Alma, Razão, Igreja (a Grande), Igreja (a Pequena) e algumas variações dos personagens principais, dentre outros.

A obra é uma alegoria mística que fala ao ouvinte do caminho da Alma até sua chegada a seu Criador e Senhor. No decorrer desse caminho o aniquilamento é o ponto central para essa união mística com Deus/Amor. É nesse aniquilamento que a Alma vai encontrando sua liberdade até não querer mais nada, ou melhor, estar no nada. A chegada a esse nada é o momento em que a Alma chegou ao estado que Porete propõe para a Alma Liberada. Dessa maneira, para Marguerite, a Alma que tem o nada possui tudo e não possui nada, vê tudo e não vê nada, sabe tudo e não sabe nada. Essa Alma está em união com Amor, agora ela não tem mais vontade, Amor é que tem sua vontade nela, opera nela sem ela.

O *Mirouer* sofreu seu primeiro processo, diocesano, pelo bispo de Cambrai, Guy de Colmieu, entre 1290 e 1306. Apesar de ter sua obra condenada, Marguerite continua a pregar e envia exemplares de seu livro a três autoridades teológicas da época: Goffredo da Fontaines (Faculdade Teológica da Sorbonne), Franco (um cisterciense da famosa abadia brabantina de Villers) e John di Querayn (um franciscano inglês). Todos o aprovaram, fazendo algumas ressalvas. O segundo processo é aberto pelo novo bispo de Cambrai, Philip de Marigny. Nesse segundo momento, diferente do primeiro, em que ela recebe uma advertência para não mais pregar seus pensamentos, ela é levada a Paris para ficar sobre a guarda do inquisidor dominicano, Guglielmo Humbert de Paris, famoso por sua atuação contra os hereges, dentre eles os templários. Marguerite ficou presa aproximadamente um ano e meio e mesmo sendo questionada nesse tempo na prisão, Porete continua a afirmar seu pensamento (silenciosamente) e a negar qualquer possibilidade de erro do mesmo.

No início de 1309 o inquisidor Guglielmo Humbert encaminha a obra para avaliadores que condenam quinze proposições. No mesmo ano, no mês de abril, as quinze proposições são julgadas e condenadas por um grupo de 21 teólogos, dentre eles, canonistas, bispos e representantes das Ordens mendicantes. Em um domingo de Pentecostes, 31 de maio de 1310, uma comissão de canonistas-regentes declara Marguerite Porete herege relapsa e a entregam

ao braço secular, que executa a sentença de morte. Em uma sessão pública e solene, de 1 de junho de 1310, Marguerite é queimada na fogueira da Praça de Greve, em Paris, junto com seu livro. Segundo o inquisidor, todos que tivessem o livro deveriam entregá-lo no prazo de um mês sob pena de excomunhão. Mesmo com todo esse escândalo em torno do *Mirouer*, ele foi guardado e repassado, ganhando repercussão internacional, tornando-se o tratado místico feminino francês mais antigo, além de ser considerada a grande obra-prima mística de todos os tempos e que influenciou o pensamento místico posterior, sendo fonte de pesquisa sobre a mística na contemporaneidade.

Feitas estas considerações, podemos dizer que os objetivos principais do nosso trabalho são o de fazer uma reflexão sobre a obra de Marguerite, focando o caminho que a Alma percorre até chegar a Amor e, então, entrar em união mística com Ele. Trabalharemos na pesquisa os Graus da Alma como processo de aniquilamento e união com Deus, mostrando como a autora expressa esse caminho percorrido pelas Almas que decidem buscar seu Amado. Esse processo é composto por muitos momentos dos quais é preciso deixar cada vez mais sua vontade e, por isso, a obra gira em torno da perda da vontade. É com a morte da vontade, da qual a Alma passa o livro todo procurando meios para aniquilar-se, que ela, a Alma, encontra-se mais perto do que tanto almeja, o seu Amado.

O trabalho será dividido em três capítulos: o primeiro será um capítulo introdutório; o segundo abordará o aniquilamento e o terceiro os graus da Alma, tendo como fonte principal da pesquisa, a única obra de Marguerite Porete, a saber, *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. No primeiro capítulo apresentaremos, num primeiro momento, o contexto histórico da Idade Média, o ambiente em que Marguerite Porete viveu quando escreveu seu livro e pregava sua espiritualidade; num segundo momento apresentaremos o pouco que se tem sobre a vida da autora e sobre o processo inquisitório que a levou à fogueira. No segundo capítulo apresentaremos a questão do aniquilamento, o processo que a Alma percorre, morrendo as três mortes, para seu encontro e união com o Divino. E, finalmente, no terceiro capítulo, os graus da Alma, aonde ela vai deixando as coisas do mundo para aproximar-se cada vez mais do que quer, de encontrar-se e unir-se a seu Amado.

CAPÍTULO 1: A ESPIRITUALIDADE FEMININA NO MEDIEVO

É sabido que a Idade Média foi palco da transmissão da fé cristã que era disseminada pela igreja e que esta tinha sua total dominação. É levando em consideração o poder exercido pela igreja sobre a fé de seus fieis, que refletiremos como uma nova forma de pensamento sobre o Divino, a mística, conseguiu espaço em um tempo de fervor religioso. Abordaremos nesse capítulo as implicações no desenvolvimento dessa nova forma de espiritualidade e as consequências que um pensamento tão arrojado, em detrimento ao exercido pela igreja, foi obrigado a colher por ultrapassar o entendimento da religião vigente na época.

1.1 AS BEGUINAS

Mulheres que falam. A transgressão que representa este ato não reside propriamente no falar. As **vozes que sonham** no interior dos espaços privados, femininos, não são transgressoras em si mesmas. A transgressão está em serem ouvidas. É o falar em público o que irrompe como perversão no cenário da Baixa Idade Média. A quem falam? Falam nos conventos e nas beguinarias, nas praças e nas pontes, discutem e falam entre si. Porém, o forte impulso transgressor das vozes femininas no século XIII se encontra em que **falam para todos e em voz alta**. Certamente que a prática da mediação feminina, ou seja, a existência de um ensino feminino em círculos de mulheres é um fato importante, novo não tanto por sua existência como por transcender os limites do convento e propor-se tacitamente como paralelo ou substituto da mediação masculina. Porém, em geral, **a força de sua palavra** está em que esse magistério se propõe globalmente, em que essa **palavra de mulher** se faz portadora de uma autoridade pública, de **um carisma!** (GARI e WOLFF *apud* ALMEIDA, 2011, p. 11).

Como é expresso na citação acima, o grande problema das mulheres falarem no Medievo é que elas queriam falar a todos e em voz alta. Ora, sabemos que isso era algo pouco provável no final de uma época marcada pela pregação masculina. Sabemos que o papel da mulher na Idade Média não era o de pregar a fé cristã, destinadas apenas aos homens, mas de dedicar-se, na maioria das vezes, a outros papeis. Desse modo, a mediação, em relação a Deus, que as mulheres faziam, era, sim, importante; mas para serem feita entre elas, nos ambientes femininos, como os conventos e, não, como substituto da mediação masculina.

Muitos se opunham a essa prática, da pregação feminina, mais não podemos esquecer que todas essas restrições em relação às mulheres, e sua vida religiosa ativa, vinham de pensamentos equivocados. Na citação a seguir, de Gil de Roma, veremos uma visão pejorativa da mulher. Segundo ele:

Devido à ausência de racionalidade, as mulheres se rendem às paixões mais facilmente que os homens [...] Não permito que as mulheres ensinem por quatro razões: a primeira é sua falta de inteligência, que têm em menor medida que os homens; a segunda é a submissão a que estão sujeitas; a terceira é o fato de que, se elas pregassem, sua aparência provocaria luxúria; e a quarta é por causa da lembrança da primeira mulher, que ensinou só uma vez e isso bastou para colocar o mundo de cabeça para baixo (GIL DE ROMA *apud* ALMEIDA, 2011, p. 55).

Pode-se dizer que a Idade Média foi a “Idade dos Homens”, segundo Duby (Cf., ALMEIDA, 2011, p. 22), pelo fato de as mulheres não apresentarem nenhum papel ativo. Mesmo que na nobreza as mulheres recebessem a mesma educação dos homens, portanto, eram tão preparadas quanto eles, elas não poderiam proferir seus discursos religiosos publicamente. É por isso que o movimento beguinal, movimento das beguinhas, foi por diversas vezes reprovado por parte da igreja, pois elas ensinavam, em língua vulgar, para o povo, os ensinamentos contidos na Sagrada Escritura, o que somente os homens poderiam fazer.

As beguinhas eram mulheres da Idade Média que buscavam uma nova maneira de viver sua espiritualidade, em muitos casos, já que os conventos estavam lotados, não podendo abrigar um surpreendente número de mulheres que resolveram entrar para uma ordem eclesiástica e, também, por seus preços serem muito elevados, sendo muitas dessas mulheres pobres, não tinham condições de pagar sua estadia no convento. Dentre esses conventos que não tinham mais capacidade de atender a procura, dessas mulheres que queriam viver uma vida religiosa regular, estavam os dos cistercienses, premonstratenses, dominicanos e franciscanos. O movimento beguinal, como não estava ligado a nenhuma ordem religiosa, foi considerado um movimento leigo.

Nas comunidades onde as beguinhas se reuniam, elas cuidavam dos doentes, pobres e idosos, educando também as crianças etc., faziam promessa (e não voto) de pobreza, obediência e castidade. No entanto, apesar do voto de castidade, muitas mulheres que estavam inseridas nesse meio eram viúvas ou mesmo casadas. Como observa Michael Sells, as

beguinhas “não eram nem monjas nem seculares. Viviam em residências privadas chamadas beguinagens e levavam uma vida de pobreza e contemplação, embora não fizessem votos formais e eram livres para abandonar sua condição” (SELLS, 2001, p. 144). Também não tinham um santo fundador ou mesmo uma hierarquia rígida, as mulheres casadas podiam passar o dia na beguinaria e a noite voltar para suas casas e, a qualquer momento, poderiam deixar a promessa e a vida de beguina. Elas viviam do seu próprio trabalho: tecelagem, bordado, costura, aulas para crianças e como damas de companhias para idosas. O movimento dessas mulheres, como foi dito anteriormente, estava à margem da sociedade, por não seguir nenhuma ordem religiosa. Por esse motivo sofreu muitas perseguições por parte da Igreja, sendo reprovado pelo Concílio de Viena (1311) com o argumento de se deixarem levar por especulações loucas sobre a Trindade, a essência divina, dentre outros dogmas postos pela igreja. Na verdade, o grande problema era que esses discursos eram proferidos por mulheres e, mesmo existindo o movimento dos begardos, o que mais incomodava a igreja era que elas (as beguinhas) eram tão aptas quanto os homens para ensinar a sua crença.

Outro fator importante para a igreja não aceitar a propagação desse pensamento era que ele era contrário, muitas vezes, a determinadas ideias que a igreja pregava. Em oposição à igreja que fazia a todo custo que o homem fosse dependente dela, as beguinhas pregavam uma vida livre de tudo que poderia afastá-las de Deus, como, por exemplo, a ideia da não necessidade de mediações para alcançar Deus. A maior representante desse pensamento, de não mediação e de encontro com Deus, foi Marguerite Porete, que afirmava que os homens estavam levando a palha e deixando o grão, ou seja, estariam seguindo, sem reflexão nenhuma o que a igreja pregava, com todos os seus ritos que em nada aproximavam o homem de Deus, deixando de lado o que era mais importante: o seu encontro ou sua experiência com o Divino. Assim, os homens, mediados pela igreja, só encontravam outros homens, já aqueles ou aquelas que buscavam uma experiência mística, encontravam seu Amado.

1.2 MARGUERITE PORETE: VIDA E MORTE

Sobre Marguerite Porete pouco se sabe, o que sabe sobre ela vem dos autos do processo inquisitório que a levou à morte em 1310. Provavelmente nasceu por volta de 1260, no Condado de Hainaut, pertencente à cidade de Valenciennes, na França, próximo a região da Bélgica. Pelo modo como escreve, provavelmente, Marguerite tenha vindo da classe

superior, ou mesmo da aristocracia de seu tempo e isso explica o conhecimento que ela tinha acerca da cultura teológica e literária. Não temos como comprovar que Marguerite tenha sido uma beguina, embora seu modo de vida se assemelhasse a elas, por isso, a única coisa que podemos afirmar é que ela, se não foi uma, seguiu o modo de vida das beguinhas, segundo Sílvia Schwartz, já que levava uma vida de mendicância e errância (SCHWARTZ, 2005, p. 30).

Ao situarmos Marguerite Porete em seu contexto histórico, não podemos esquecer que ela viveu em meio a um Medievo tomado pelo fervor religioso. O século XIII foi marcado pela procura por uma vida apostólica e esse ápice da fé cristã deu-se porque as pessoas queriam viver sua religiosidade de forma intensa. Como já foi dito anteriormente, tudo indica que Marguerite tenha se encantado pelo estilo de vida das beguinhas e o que sabemos da autora reforça a procura ardente de uma espiritualidade, a fim de colocar em prática os conhecimentos que tinha sobre o texto bíblico, não se contentando com a vida teórica, como era comum às mulheres da época. Daí, compreendemos o porquê da procura incessante de ultrapassar o que era repassado pela igreja. O ardor que existia em Marguerite era da busca de algo que a tirasse, de alguma forma, desse mundo, para uma nova realidade, uma em que a liberdade da Alma fosse a de se perder nos braços de seu Amado e nunca mais se achar. Podemos dizer que a experiência mística de Marguerite estava voltada na sua vontade de ser transladada (espiritualmente) e, por isso, sua entrega de corpo e alma na procura deste fim. Seu livro, o *Mirouer*, traz justamente o relato da busca por essa experiência mística. A autora, através da personagem Alma, relata o caminho que trilha até chegar ao que tanto almeja: sua união com o Divino.

É no auge de sua atividade intelectual que Marguerite escreve *O Espelho das Almas Simples*, provavelmente em meados de 1290. Foi entre 1290 e 1306, assim que seu livro tornou-se público, que ele sofreu seu primeiro processo, diocesano, pelo bispo de Cambrai, Guy de Colmieu. Apesar de ele (livro e, como consequência o pensamento de Porete, como veremos adiante) ser condenado, não podendo mais ser difundido, nossa autora não deteve seu pensamento e a difusão dele, ao contrário do que esperavam as autoridades, foi ainda maior. Marguerite não só continuou pregando seus ensinamentos/doutrina, mais enviou seu livro a três autoridades teológicas, foram eles: Goffredo da Fontaines (Faculdade Teológica da Sorbonne), Franco (um cisterciense da famosa abadia brabantina de Villers) e John di Querayn (um franciscano inglês), todos o aprovaram, fazendo algumas ressalvas. São elas:

Esse Frei [João] disse que este livro foi feito pelo Espírito Santo e que se todos os clérigos do mundo o ouvissem e pudessem compreendê-lo, não saberiam em nada contradizê-lo. E rogou que, em nome de Deus, ele estivesse bem guardado e que poucos o vissem. E disse que era tão elevado que mesmo ele não podia compreendê-lo. Depois, o viu e leu um monge cisterciense chamado Dom Franco, da Abadia de Villers. Ele disse que assegurava, por meio das Escrituras, ser verdade tudo o que este livro diz. Depois o leu um certo mestre em Teologia chamado Godfrey de Fontaines. [...] Aconselhou que não muitos o vissem, porque, como ele disse, poderiam colocar de lado a vida para a qual foram chamados, aspirando essa outra à qual nunca chegarão (PORETE, 2008, p. 230).

O novo bispo de Cambrai, Philip de Marigny, abriu um novo processo contra Marguerite, sendo ela agora conduzida a Paris. Porete ficou sobre a custódia do famoso inquisidor Guglielmo Humbert de Paris, dominicano, conhecido, dentre muitos julgamentos, pela sua atuação impiedosa/cruel, no processo contra os templários. Levada a Paris, Marguerite permaneceu na prisão por volta de um ano e meio, onde o tribunal eclesiástico insistiu que ela se retratasse, a fim de não levá-la à fogueira. Para que isso não acontecesse, Porete deveria confessar, segundo o tribunal, seus “erros” e “desvios”, o que não o fez, continuando, assim, a defender (silenciosamente é claro) seu pensamento, desconsiderando toda e qualquer possibilidade de retratação. Em 1309 o inquisidor que a tinha sobre custódia, Guglielmo Humbert, encaminha a obra de Marguerite para alguns conselheiros, que indicam no texto da autora quinze proposições problemáticas. Segundo a estudiosa que descobriu a verdadeira autora do *Mirouer*, Romana Guarniere, essas proposições ditas como problemáticas não eram muito diferentes dos pensamentos de outros místicos e místicas e, até mesmo de santos, e que hoje ninguém as compreenderiam como heréticas. As quinze proposições, no mesmo ano (1309), em abril, ainda são levadas a um grupo de 21 teólogos, nos quais estavam representantes das Ordens mendicantes, canonistas e bispos, que julgaram e condenaram, mais uma vez, as proposições tiradas do *Mirouer*.

Em um domingo de Pentecostes, 31 de maio de 1310, uma comissão de canonistas-regentes declara Marguerite Porete herege e relapsa entregando-a ao braço secular, que executa a sentença de morte. Porete é queimada na fogueira em 1 de junho de 1310, numa seção pública e solene na Praça de Grève em Paris, e junto com ela seu livro: *O Mirouer*. Segundo o inquisidor, todos que tivessem o livro que fora condenado deveriam entregá-lo no prazo de um mês às autoridades competentes, sob pena de excomunhão aos que desobedecessem a essa ordem. A seguir o julgamento de Marguerite Porete:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, amém!

Sabe-se muito bem e tem ficado muito claro para nós, através de uma esclarecedora argumentação, William de Paris, dominicano e inquisidor da depravação herética pela autoridade apostólica, que tu, Margarida de Hainaut, chamada a Porete, és fortemente suspeita de mancha de depravação herética.

Por causa dessa suspeita, nós ordenamos que fosses intimada a comparecer diante de nós para seres julgada. Compareceste a esse inquérito judicial e foste, pessoalmente, ordenada por nós, canonicamente e legalmente, em várias ocasiões para declarar, sob juramento, a completa, pura e plena verdade sobre o que tu e outras falaram a respeito daquelas coisas que se sabem caíram sob a jurisdição do ofício do inquisidor (que me foi confiado). Mas recusa-te a fazer o juramento. Embora tenhas sido questionada por nós muitas vezes e em muitos locais sobre esse assunto, sempre permaneceste contumaz e rebelde quanto a essas questões; por causa de tua notória contumácia e rebeldia é que, com a orientação oferecida por muitos homens sábios, pronunciamos uma sentença de extrema excomunhão tanto para ti, como uma pessoa rebelde e obstinada, quanto para teus escritos. Embora essa sentença tenha sido te dada a conhecer, endureceste sua alma pertinazmente por quase um ano e meio depois que foste notificada e persistisse nesse estado, apesar do fato que nós frequentemente te oferecemos o sacramento da absolvição, que te seria concedido de acordo com a prática eclesiástica, tão logo humildemente o solicitaste. Até agora, contudo, tu tens desdenhado a oportunidade de pedir absolvição e até agora não desejava nem abjurar nem nos responder acerca dessas questões. Por conta de tua recusa a fazer essas coisas e de acordo com os santos cânones, nós te declaramos uma herética convicta e confessa. Além disso, enquanto tu, Margarida, permaneceres obstinada nestas rebeldias, nós, desejando ser guiados pela sabedoria, começamos a exercer contra ti a inquisição requerida pela autoridade que nos foi confiada. Portanto, nós abrimos um caso na questão referente aos assuntos já mencionados, tal como a ordem de vida requer. Esta inquisição e audiência deixaram bem claro para nós que escreveste um livro pernicioso contendo heresias e erros. Por causa desses erros, esse livro foi condenado pelo renomado Guy, recente bispo de Cambrai, e foi, por ordem dele, publicamente e inequivocamente queimado na tua presença. O mesmo bispo te proibiu expressamente, sob pena de excomunhão, escrever de novo, possuir ou fazer uso de tal livro (ou outro semelhante). O senhor bispo Guy expressamente acrescentou e colocou seu selo na seguinte ordem: se usasses outra vez aquele livro, ou enfocasses as questões contidas nele, tanto por escrito ou oralmente, serias condenada como uma herética e deverias ser entregue à justiça secular para seres julgada. Depois disso, mantiveste e fizeste uso da matéria contida nele em oposição à proibição do bispo, o que ficou bem claro pelas investigações do inquisidor de Lotaringia e perante o reverendíssimo pai e senhor, João, então bispo de Cambrai e agora arcebispo de Sens. Além disso, enviaste o mesmo livro, sem mencionares que já tinha sido condenado e sem removerdes as partes condenadas, como se fosse bom e lícito, ao reverendo pai senhor João, bispo de Chalons, e às outras pessoas; tais ações ficaram claríssimas para nós por testemunhas que juraram em nossa presença. Consideramos cuidadosamente todas as questões acima mencionadas e nos aconselhamos com vários peritos em relação à verdade dos dois lados [da questão]. Finalmente, tendo em mente Deus e os Santos Evangelhos, e com o conselho e aprovação do reverendo pai e senhor Lord G., pela graça de Deus, bispo de

Paris, nós te condenamos, Margarida, não apenas como uma herética, mas também como uma herética relapsa, e nós te abandonamos à justiça secular, pedindo que ela aja com misericórdia para contigo, tanto quanto as sanções canônicas permitirem, exceto a morte e a mutilação do corpo. Sendo que teu livro herético e errôneo contém heresia e erros, segundo julgamento e decisão dos mestres em teologia docentes em Paris, nós finalmente te condenamos e desejamos que sejas excomungada e queimada e ordenamos – individualmente e como grupo – que todos aqueles no distrito que possuem tal livro, sob pena de excomunhão, que o entreguem sem fraude a nós ou ao prior dos dominicanos de Paris, nosso agente, antes do próximo festival dos apóstolos Pedro e Paulo. (ALMEIDA, 2011, p. 197-198).

Mesmo com todo esse tumulto em volta do *Mirouer* e as ameaças feitas pela inquisição, ele conseguiu “sobreviver” e ganhar repercussão inusitada, passando os limites da França. Sendo salvos vários exemplares, na versão original francesa (picarda) como também em latim, contudo, a autoria seguiu desconhecida até o século XX. Também exemplares na versão do italiano antigo e do inglês médio foram transcritos e, dentre as edições contemporâneas, temos a tradução inglesa (Clare Kirchberger, 1927), alemã (L. Gnädinger, 1987), francesa (M. Huot de Longchamp, 1984), italiana (Giovanna Fozzer, 1994) e ainda a edição diplomática, de 1965, de Romana Guarniere e republicada no *Corpus Christianorum*, em edição crítica sobre o supervisionamento de Paul Verdeyen (1986). (Cf., TEIXEIRA, 2008, p. 21).

1.3 O MIROUER

Antes de falarmos sobre o conteúdo do livro, faz-se necessário explicar o seu título: *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Entendemos o título no sentido de que a Alma, quando aniquilada, não refletiria mais sua imagem, mas a imagem de Amor. Além de que era muito comum na época usar o termo “espelho” nos livros e, no caso de Marguerite, seria um espelho de instrução espiritual. O livro de Porete é composto por personagens e os principais são: a Alma, Amor e Razão. Há variações desses personagens principais tais como, o Entendimento da Razão, a Alma Estupefata e as variações de Amor: a Verdade, Deus (o pai) e o Espírito Santo. Além das variações dos personagens principais, há personagens que só aparecem uma vez. O diálogo é feito entre a Alma, Amor e a Razão que sempre interrompe fazendo perguntas e

questionamentos. O tema central gira em torno do processo que a Alma tem que percorrer até chegar ao seu Amado e ter uma união mística com Ele.

Antes de começar seu livro, Marguerite Porete faz uma advertência aos teólogos e outros clérigos, que abandonem a Razão e sejam conduzidos por Amor, caso contrário não entenderão o conteúdo do livro. Acrescenta ainda que a própria Razão já se rendeu à Dama Amor, pois ao conhecimento que esse livro aborda só podem chegar aqueles que abandonam a Razão e que se deixem guiar, humildemente, por Amor e Fé. Assim anuncia a autora:

Vós que este livro lereis,
Se bem o quiserdes entender,
Pensai no que vos direi,
Pois ele é difícil de compreender;
À humildade, que da Ciência é a guardiã
E das outras Virtudes a mãe,
Deveis vos render.

Teólogos e outros clérigos,
Aqui não tereis o entendimento
Ainda que tenhais as idéias claras
Se não procederdes humildemente;
E que Amor e Fé conjuntamente
Vos façam suplantar a Razão,
Pois são as damas da mansão.

A própria Razão nos dá testemunho
No capítulo XIII desse livro,
E disso não se envergonha,
Que Amor e Fé a fazem viver
E delas não se liberta,
Pois são suas senhoras,
Que humilde a fazem ser.

Tornai humildes as vossas ciências
Que estão na Razão asseguradas,
E colocai sobretudo a confiança
Naquelas que o Amor vos pode dar
E que a Fé sabe iluminar,
E assim compreendereis este livro
Que por Amor faz a alma viver.
(PORETE, 2008, p. 5).

O Amor é aquele que dá à Alma o entendimento necessário e somente ele o pode dar, para que ela ande no caminho do aniquilamento. Nesse caminho a Alma passará por três mortes: a morte do pecado, a morte da natureza e a morte da vontade, além de sete estados, que veremos no capítulo II e III deste trabalho.

No início de seu livro, a saber, no prólogo, Marguerite Porete conta uma história sobre o amor de uma donzela por um rei que morava distante, tendo como pano de fundo/objetivo a comparação do amor da Alma para com seu Amado, que não pode ser visto, mas pode ser sentido. A Alma procura então “pintar uma imagem” que no contexto de Marguerite seria o espelho de Deus. Em outras palavras, essa Alma, através de um determinado caminho, que é o caminho do aniquilamento, procura estar próxima de seu Amado, na verdade, procura ser o seu Amado, pois é a única maneira de “vê-lo”, ou melhor, de tê-lo, sendo seu reflexo, unindo-se, desse modo, a ele. Começa aí a jornada da Alma em busca d Amado e a instrução que a Alma dá as demais almas para que elas também o encontrem.

CAPÍTULO 2: A ALMA, DESPOJADA DE SI, CAMINHA PARA SEU AMADO.

Discutiremos neste capítulo o aniquilamento como caminho que a Alma percorre até chegar a Amor e ter sua união com Ele. Abordaremos esse caminho guiado pela Alma que deseja a vontade de Deus nela e, para tanto, a alma não pode ser compreendida como qualquer alma, mas como uma Alma Simples. Pode-se ver no *Mirouer* que Marguerite faz uma forte crítica a questão da mediação, e por isso a autora/Alma resolve escrever/relatar seu processo de aniquilamento, deixando de lado as coisas que atrapalhariam seu encontro e união com Deus/Amor. Para Marguerite, a mediação feita pela igreja, que em seu livro é representado pela personagem Santa Igreja, a pequena, faz o papel contrário que a mística francesa propõe. Nesse caso, a igreja que teria o papel de conduzir o homem/Alma a Deus, na perspectiva da autora, só o distancia Dele. É a partir dessa compreensão que ela, a Alma, que faz parte da Santa Igreja, a grande, pois já esteve neste estado, se sente movida para ensinar àquelas que estão sobre o domínio da Santa Igreja, a pequena, o verdadeiro caminho que as leve a Dama Amor. Quando tais almas chegarem ao seu Amado, e assim estiverem aniquiladas, não temerão nenhum mal ou qualquer coisa que venham a elas, pois, mesmo que pudessem ser atingidas, estando elas no mundo, por algum mal, causando-as danos, elas nada perderiam se Deus ainda permanecessem nelas: Ele é tudo. É o Amado da Alma.

2.1 AS TRÊS MORTES

O *Mirouer* apresenta como sendo necessário para o aniquilamento morrer três mortes, a saber, a morte do pecado; a morte da natureza ou do espírito e a morte da vontade. O processo para o aniquilamento tem início quando a Alma tem sua primeira morte. A primeira morte corresponde à morte do pecado e, nesse primeiro passo, a Alma deixa para trás a vida errante que vivia antes de conhecer e seguir os mandamentos de Deus, ordenados por Ele em sua Lei. A Alma, nessa primeira morte, cumpre o que Deus ordena que ela cumpra. Sendo assim, ela segue os mandamentos Dele, não que seja da natureza dela seguir/cumprir, mas

porque Ele assim o ordena, então, por exemplo, ela ama ao seu próximo, não porque ela queira, mais porque Deus assim a ordena que o ame. Nas palavras da Marguerite:

A primeira é a morte do pecado, assim como haveis ouvido, na qual a Alma deve morrer inteiramente de tal maneira que não permaneça nela nem cor, nem sabor, nem odor de coisa alguma do que Deus proíbe na Lei. Os que assim morrem são as pessoas que vivem a vida de graça, e lhes basta que se guardem de fazer o que Deus proíbe, e que possam fazer o que Deus ordena (PORETE, 2008, p. 113).

Nessa primeira morte, a Alma que principia no caminho do aniquilamento ainda não tem entendimento sobre os mandamentos de Deus, pois os segue por que assim ele ordena. Essa primeira morte está no âmbito mais geral/comum das almas, ou seja, seria uma morte comum às almas que não negam a Deus e, por não negarem, seguem seus ensinamentos, mesmo sem os compreender verdadeiramente. Dessa forma, a morte do pecado esta acessível àquelas almas que resolvem deixar a vida errante para viver uma vida regida pelos ensinamentos de seu Amado. Por não serem agraciadas por Amor com seus conselhos, que ele dá aos seus amados especiais (que só acontece na segunda morte), tais almas ainda estão presas às coisas materiais e, portanto, ainda estão presas às vontades mais supérfluas. Segundo Amor:

Eles desejam honras, e ficam desolados se alguém lhes despreza, mas se resguardam da glória vã e da impaciência que conduz à morte pelo pecado. Eles amam as riquezas e ficam tristes porque são pobres. E se são ricos, se entristecem quando perdem algo, mas sempre se guardam da morte do pecado, à medida que não amam mais suas riquezas contra a vontade de Deus, seja na perda ou no ganho. E assim amam a facilidade e o repouso para seu prazer, mas se resguardam da desordem. Tal gente está morta para o pecado mortal e nascida na vida de graça (PORETE, 2008, p. 117).

Observa-se, então, que as almas mortas para o pecado, ainda estão presas a velhos vícios que não foram deixados de lado, o apeço ao que é material causa nessas almas uma angústia em relação ao querer ter, ou seja, a insatisfação com sua condição atual, seja como foi dito por Amor, se são pobres ficam tristes por sua condição e, se são ricos, entristecem se perdem algo. Nota-se que mesmo com essa dependência em relação às coisas materiais, elas se resguardam, assim como é ordenado que se resguardem daquilo que Deus as manda evitar. Como sabemos, esse é um pequeno passo na caminhada da alma ao aniquilamento, melhor é agora para essa alma morrer para a natureza.

Na segunda morte, a morte da natureza ou do espírito, a Alma segue os conselhos que Deus dá aos seus amados especiais, indo além do que Ele ordena. Despreza as riquezas, as delícias/prazeres e honras, buscando imitar a Cristo para agradar o seu Amado. É com a morte do espírito que a Alma abandona-se, não temendo mais nada, pois seu Amado não as teme. Conforme Marguerite, ela não teme a perda do que possui, nem a palavra das pessoas, nem a fraqueza do corpo, pois seu amado não as teme e a Alma tomada por Ele também não as pode temer (PORETE, 2008, p. 189). Compreendemos, portanto, que em relação à primeira morte (do pecado), a Alma nesse segundo momento (morte da natureza), não segue somente os mandamentos de Deus porque assim ele mandou, mais há uma compreensão deles e, por isso, tal Alma resolve deixar as riquezas, honras e prazeres de lado, para realmente imitar o modo de vida de Cristo. Sendo assim, a Alma agraciada por Deus, nessa segunda morte, compreende a mensagem de Cristo de se doar ao próximo, buscando as obras de Caridade a fim de agradar seu Amado.

A terceira e última morte, antes da Alma aniquilar-se, corresponde à morte da vontade. É quando a Alma não mais quer sua vontade, mas a de Deus nela, que ela liberta-se de todas as coisas para estar com Amor, é nesse liberar das coisas e, portanto, o nada querer, que a Alma esta aniquilada. Segundo Sílvia Schwartz, “Se a alma permanece com sua vontade, ela se volta para as coisas criadas e, conseqüentemente, sua habilidade e seu intelecto ficam limitados. O intelecto, gerado pela habilidade e controlado pela vontade, só fornece o conhecimento permitido pela vontade” (SCHWARTZ, 2005, p. 255-256).

Como bem ressalta Schwartz, quando a alma não tem a morte de sua vontade, ela fica presa às coisas a sua volta (sua própria vontade), pois ela é finita e só pode desejar e compreender as coisas finitas. E, como se sabe, para unir-se ao seu Amado, a Alma precisa deixar de lado a vontade que a move, visto que essa sempre estará ligada ao desejar e, por isso, ao querer da alma e ao predomínio dela. Como podemos ver em *O Espelho*, onde a criatura predomina (com sua vontade) o criador encontra-se distante. É por isso que a morte da vontade é importante para o encontro com o Fino Amor, pois a alma não se importará com o que Deus venha a fazer nela, mas que tão somente Ele sempre faça sua vontade, como observa Mariani: “A alma que não se dispõe a perder sua vontade não está preparada para falar ao Amor em sua câmara secreta. A bem-amada é aquela que não teme perda nem ganho, senão somente pelo bom prazer de Amor, pois de outro modo, ela encontraria seu próprio interesse e não o dele (MARIANI, 2008, p. 156).

Desta maneira, ao deixar sua vontade, ela é liberada de todas as coisas, estando agora no nada e não querendo nada, pois se quisesse algo, mesmo que quisesse Amor, o perderia, para estar nele sem ela. A alma, morta para a vontade, nada mais quer, pois a vontade que predomina nela é a de Amor e, assim, para estar com seu Amado é necessário que ela se deixe unir-se a Ele. Nas palavras dessa Alma: “À medida que não quero nada, estou somente nele sem mim, e totalmente liberada. Se eu quisesse algo, diz ela, estaria comigo e, assim, perderia a liberdade. Mas quando não quero nada e perdi tudo para além de minha vontade, nada me falta” (PORETE, 2008, p. 101-102). Diferente das mortes anteriores, do pecado e da natureza, nessa terceira morte (da vontade) a Alma não se move mais pela sua vontade. É com essa perda da vontade e, com isso, um diferencial na essência do que move a Alma em relação às outras mortes, que ela perde tudo, só lhe restando o nada e a liberdade por nada querer. Como assinala Ceci Mariani:

Para Marguerite, em comunhão com a tradição renana, não é o bastante que, pelo exercício das virtudes, se vença as necessidades e as paixões naturais exigidas por nossa corporeidade condicionada, ou se converta a vontade de sua tendência à concupiscência para uma comunhão com a vontade de Deus, mais radical que isso será o aniquilamento da própria vontade para que se atinja um estado superior, estado de transfiguração do corpo e do espírito, estado onde não existe mais “eu” (MARIANI, 2008, p. 151).

Mariani nos fala que não é o bastante as virtudes para que nós possamos controlar nossas paixões (pecado que por natureza nos afasta de Deus) e, com elas, nossa humanidade, nem tampouco podemos a partir de nossa vontade entrar em comunhão com Deus. Mais que isso, é necessário que deixemos de lado nossa vontade (morte da vontade) para que, totalmente mudados (no corpo e na alma), possamos deixar nosso eu antigo e tornar-se um eu-outro em Deus. É nesse nada querer, terceira morte, que a Alma perde até a vontade de querer que Deus a toque, diferentemente da segunda morte, morte da natureza, onde a Alma queria as delícias de seu Amado. A Alma compreendeu que quanto mais vontade ela tinha, mesmo a de desejar seu Amado, mais ela afastava-se Dele, é por isso que ela morre para sua vontade, só querendo que Ele sempre faça a vontade Dele, nela e sem ela. É com a morte da vontade que a Alma, nada querendo, encontra-se mais próxima do aniquilamento. É com esse nada e a liberdade que ele lhe traz que a Alma tem tudo.

2.2 SOBRE O NADA

A Alma, quando está no nada, não se importa mais com vergonha ou honra, pobreza ou riqueza, com amor ou ódio, pois agora ela tem tudo e por isso não tem nada, vê tudo e não vê nada, sabe de tudo e não sabe de nada. Essa relação de tudo e nada, esses aparentes opostos, dá-se porque tal Alma, enfim, compreendeu-se e ao deparar-se com o tudo de Deus ela viu seu nada. A Alma considera que Deus é e ela não é. Deus é aquele que é a bondade total, enquanto a Alma que é o oposto de Deus é a maldade total. Segundo Mariani:

A salvação consiste, portanto, afirma a alma aniquilada, no conhecimento da bondade de Deus a partir do reconhecimento da própria maldade e não em alguma obra de bondade que ela teria podido fazer. A alma, por si mesma, não pode nada fazer para saldar suas dívidas (MARIANI, 2008, p. 137).

Quanto mais a Alma tenta compreender sobre sua maldade, mais ela compreende que nada pode compreender sobre tal, em outras palavras, o que a Alma pode compreender sobre sua maldade ainda vai ser pouco, ou mesmo nada, sobre o tamanho de sua maldade. É por isso que Deus deu a compreensão a essa alma sobre o tamanho de sua maldade, para que ela pudesse perceber que nenhuma daquelas obras que dantes ela fizera teria algum valor se ela não compreendesse que ela é a maldade total enquanto Ele é a bondade total. É com o conhecimento de sua maldade e, portanto, do seu nada, em oposto ao tudo de Deus, que a alma encontra-se liberada de todas as coisas. Ainda nas palavras de Mariani:

A liberdade perfeita que define a nobreza [da alma], vem pela graça de Deus que dá à alma o conhecimento do seu nada, conhecimento que leva do mais profundo abismo à mais elevada condição. Em sua nobreza, a oração e a prece da alma, já não pede mais nada, repousa em paz (MARIANI, 2008, p. 141).

A alma em seu nada não quer mais nada e é por esse nada querer que ela encontra-se livre e em paz. Deus deu a vontade livre a essa Alma, por pura bondade, para mostrar a Alma onde ela deveria estar, mas ainda não está. A Alma no estado do nada querer não tem mais vontade própria, a única vontade que impera nela é de Amor, portanto, ela passa a querer não a sua vontade, se assim pudesse querer, (o que não pode, pois ela já sofreu a terceira morte) mas a vontade de Amor nela. E é porque a vontade de Amor impera nela, que ela pode ver-se

perfeitamente no momento que ela cai no abismo que não tem fundo, e por não ter fundo traz um estado de liberdade que a faz estar livre de todas as coisas, dito de outra forma, é esse constante cair no abismo que não tem fundo, que a deixa livre das coisas e que faz com que ela veja o Sol da altíssima bondade, pois não tem nada que lhe impeça de vê-lo.

2.3 SOBRE A LIBERDADE

Para Marguerite, a questão da liberdade da Alma está relacionada à perda da vontade, então, a Alma aniquilada consegue sua liberdade (a mais plena liberdade) quando não quer mais nada, e esse nada querer leva à aproximação de seu Amado e à vontade deste nela. É um nada querer que a leva a Deus, e mesmo nem querer a Deus, pois isto se constituiria um querer e para ter a união com Ele é necessário nem mesmo querê-lo, para que, assim, aproxime-se Dele. Desse modo, a Alma encontra-se liberta, em liberdade, quando nada quer, nem mesmo a Deus. Ela encontra-se livre de seu corpo, de sua vontade, de sua condição de criatura, para que assim possa se aproximar de Deus. Marguerite cita quatro aspectos que fazem com que a Alma seja livre, são eles:

O primeiro aspecto, do qual essa Alma está livre, é que ela não se recrimina mais, ainda que não realize ou opere as obras das Virtudes. [...] O segundo aspecto é que ela não tem mais vontade, não mais do que os mortos nos sepulcros, exceto somente a vontade divina. [...] O terceiro aspecto é que ela crê e mantém que nunca houve, não há, nem haverá nada pior do que ela, nem ninguém mais amado por aquele que a ama como ela é. [...] O quarto aspecto é que ela crê e afirma que não é possível que Deus possa querer algo que não seja a bondade, não mais do que é possível para ela querer algo diferente da vontade divina (PORETE, 2008, p. 144).

A Alma, nesse primeiro momento de liberdade, não se julga mais por não fazer as obras de virtude e é por isso que para Marguerite, quando se deixa essas obras, podemos amar de verdade nosso próximo, assim não sentiremos para com eles algum sentimento menor que esse (o de Amar). O segundo elemento que mostra a liberdade da alma é que ela não tendo mais vontade própria não se inquieta com as coisas fora dela, a vontade que impera é a de Amor na alma e é por isso que ela não se preocupa mais em fazer nada para si. O terceiro ponto da liberdade da alma é que ela compreendeu que não existe ninguém pior que ela e, com isso, compreendeu também que não pode existir ninguém mais amada que ela por aquele

que a ama e a ama do jeito que ela é. O quarto e último aspecto está relacionado com a bondade divina, já que Deus, sendo bom, não quererá outra coisa a não ser a bondade na vida dessa alma e é por isso que ela sempre quer a vontade dele, nela, sem ela. Segundo Mariani: “A liberdade perfeita é, então, para Marguerite, a transfiguração que vem da operação de Deus na alma que se despojou de todas as seguranças exteriores (mandamentos, escrituras, conselhos) e de todas as seguranças interiores (razão e vontade)” (MARIANI, 2008, p. 161).

Como escreve Mariani, a alma tem sua liberdade quando perde tudo, tanto os bens exteriores quanto os interiores e é por se deixar que ela encontra-se livre, pois a vontade que restringia sua liberdade agora é morta. Quando a vontade de Amor opera na Alma esta não se importa mais com vergonha ou honra, pobreza ou riqueza, com amor ou ódio, pois agora ela tem tudo e por isso não tem nada, vê tudo e não vê nada, sabe de tudo e não sabe de nada, isso porque, desprovida de vontade e mesmo de compreensão, a Alma nada mais pode falar sobre seu Amado, pois agora se encontra aniquilada. Segundo nossa pensadora, a Alma encontra-se livre e mais que livre, libérrima. Pois, visto que a liberdade da Alma está relacionada com a perda da vontade, então, a Alma aniquilada consegue sua liberdade, a mais plena liberdade, quando não quer mais nada e esse nada querer leva à aproximação de seu Amado e à vontade deste nela. Marguerite não nega a importância da vontade, mais vale ressaltar que destaca, enquanto se procura atingir um alvo mais elevado, que as obras que a alma faz são importantes, mesmo que essas aumentem nossa vontade, mais não podemos compreendê-las como um fim em si mesmas e, sim, como um meio para se chegar ao Amado, embora possam ser tornar obstáculos dependendo do grau em que nos encontramos. Desse modo, as mortes, desde a mais geral das almas (morte do pecado), passando pela morte do espírito e finalmente a morte da vontade são necessárias porque vão dando a compreensão necessária para se chegar a Deus. As mortes, portanto, levam à reflexão do seu ser e à compreensão do seu nada que dá a alma uma liberdade perfeita.

CAPÍTULO 3: OS GRAUS DA ALMA

Refletiremos neste capítulo acerca dos estágios da alma, também chamados estados ou graus, ressaltando o deixar-se de si para ser, a cada estado, mais de seu Amado. Nas palavras de Marguerite, lá onde está o mais de meu amado, é onde está o mais de meu tesouro. Essas palavras nos mostram que o objetivo da Alma é estar unida ao seu Amado, que para ela é o maior tesouro. É no Capítulo 118 do seu livro que a Alma/Marguerite nos dá uma compreensão mais detalhada sobre o caminho/estágios que se deve percorrer para chegar ao Amado, como podemos ver na citação a seguir:

Eu disse, diz Amor, que há sete estados, cada um com maior entendimento em relação ao anterior e sem comparação um com o outro. Pois assim como não se pode comparar uma gota d'água ao oceano, que é tão vasto, da mesma forma se pode falar da diferença entre o primeiro estado de graça e o segundo e assim por diante, sem comparação entre eles. Ainda assim, dos quatro primeiros estágios nenhum é tão elevado que a Alma não viva nele em grande servidão. Mas o quinto estágio está na liberdade da caridade, pois é liberdade de todas as coisas. E o sexto estágio é glorioso, pois a abertura do doce movimento da glória, que o gentil Longeperto dá, não é senão uma manifestação que Deus quer que a Alma tenha de sua própria glória, que ela terá para sempre. Pois, por sua bondade, lhe dá essa demonstração do sétimo estado no sexto. Essa demonstração nasce do sétimo estado, que produz o sexto. E é dada tão rapidamente, que mesmo quem a recebe não tem percepção do dom que lhe é dado (PORETE, 2008, p. 115).

O caminho que a Alma percorre, desde o primeiro grau até sua união mística com Amor, faz com que a Alma vá abandonando as coisas que a afastam de seu Amado, para que, então, possa tornar-se espelho de Deus. Para Marguerite, a questão do aniquilamento está relacionada com a perda da vontade da Alma e, como consequência, sua liberdade, quando a Alma encontra-se aniquilada. Isso porque, só quando a Alma está livre, inclusive de si, quando nada mais quer, inclusive não querer seu Amado, que ela consegue aproxima-se Dele. É esse nada querer que a leva a Deus, e mesmo nem querê-Lo, pois isso se constituiria um querer e para ter a união com Ele é necessário nem mesmo querê-Lo para que, assim, a Amada se una ao seu Amor.

3.1. OS GRAUS DOS QUAIS SE PODE FALAR

A Alma começa sua caminhada até Amor ouvindo as instruções do próprio Amor, que se tratando de estágio, seria o primeiro, a de que o amemos, e amemos ao nosso próximo como a si mesmo, que nas palavras de Amor está expresso da seguinte maneira: “que o amemos com todo o coração, com toda a nossa alma e com toda a nossa virtude; e que nos amemos como devemos, e a nossos próximos como a nós mesmos” (PORETE, 2008 p.33-34). Desse modo, é necessário que deixemos as coisas que não o agradam, o pecado, seguindo e honrando seus mandamentos, para que assim possamos nos amar, amar aos nossos próximos e amá-los de todo o coração, pois como se sabe, o amor é o mandamento que conduz para os demais.

Deve-se não somente dizer que O ama, mas que os pensamentos e as atitudes estejam sempre e verdadeiramente nele. Precisa-se, portanto, deixar as coisas que não o agradam, o pecado, seguindo e honrando seus mandamentos, para que assim possamos amá-lo de todo o coração. E ainda o amemos com toda a nossa alma para que assim não nos desviemos de dizer a verdade, que ao fazermos suas obras não busquemos recompensas, mas somente para fazer sua vontade e que, de modo algum, façamos, pensamos ou digamos ao nosso próximo o que não queríamos que nos fizessem, pensassem ou dissessem. Estes são os mandamentos que Amor dá aos principiantes na fé, recomendados para serem salvos, nenhum esforço ou caminho menor que esse os levará à graça. É nesse sentido que Amor recebe as Almas que decidem morrer para o pecado. Nesse primeiro estado as Almas ficam responsáveis por seguir os ensinamentos de Deus ordenados por Ele em sua Lei. Como já falamos anteriormente, esse primeiro grau é o mais comum às almas, àquelas que estão dispostas a seguir os mandamentos de Amor, mas ainda encontram-se limitadas quanto à compreensão da verdadeira mensagem de Deus, aquela que Amor dá aos amados especiais.

No segundo grau, a Alma não só cumpre os mandamentos porque Deus assim a manda cumprir, mas ela é movida pelos conselhos que Deus dá a seus amados especiais, que vai além daquilo que Ele ordena e, dessa maneira, compreende-os, buscando, desse modo, imitar a vida de Cristo. Há, então, a mortificação da natureza (como já mostramos), quando as Almas devem abandonar as riquezas, as delícias/prazeres e as honras, para fazer o que agrada a Deus. Elas se abandonam não temendo nada que por ventura possa lhe acontecer, “ela não

teme a perda do que possui, nem a palavra das pessoas, nem a fraqueza do corpo, pois seu Amado não as teme e a Alma tomada por Ele também não as pode temer (PORETE, 2008, p. 189). Elas não têm medo do que possa vir a acontecer porque compreenderam a mensagem de Cristo que se doou ao próximo sem pedir nada em troca e sem temer nada, pois Deus estaria com ele em todos os momentos. Na compreensão de Sílvia Schwartz:

A verdadeira imitação de Cristo para Marguerite era o ato de abandonar a vontade humana à vontade de Deus. Cristo não deveria ser um modelo para as obras de flagelos, e a *imitatio Christis* não deveria ser entendida como uma fixação nas feridas sangrentas do Senhor em agonia, mas como uma teofania da verdadeira *Kenosis*, o esvaziamento da vontade pela aniquilação (SCHWARTZ *apud* ALMEIDA, 2012, p. 159).

Como descreve Sílvia, Cristo deveria ser modelo para os homens quando sua mensagem fosse compreendida de forma certa, a de deixar a vontade da alma para deixar-se conduzir pela vontade Divina. Marguerite defendia que não era necessário castigar o corpo para que a alma fosse bem vista aos olhos de Deus. Para ela, a mortificação da natureza estava relacionada às coisas exteriores a alma e que em nada acrescentava no caminho para seu Amado. Sendo assim, Porete nos apresenta uma nova visão da mensagem do Cristo, a de esvaziar a si mesmo, doando-se ao próximo, a fim de se aniquilar.

É com o pensamento de fazer ao outro o que gostaria que lhe fizesse que Marguerite, no início de seu livro, mais especificamente no Capítulo 4, exalta as obras da Caridade, pensando ela estar agradando a Amor; mas vemos no decorrer do seu livro que Marguerite, em outro grau, deixa as obras da Caridade, estando ela com um olhar maduro, em relação a sua experiência mística. Ela admite que querer fazer as obras de Caridade para agradar a Amor implicaria estar cheia de si (vontade), o que atrapalharia no seu caminho até Ele. É com esse pensamento inicial, que Marguerite declara: “a Caridade é uma mercadora tão sábia que ganha em todos os lugares, lá onde os outros perdem, e escapa das correntes às quais os outros se prendem, garantindo assim a multiplicação do que agrada ao Amor” (PORETE, 2008, p. 35). A mística francesa refere-se ao terceiro estado da Alma, no qual deixou as riquezas e as honras para servir ao próximo, multiplicando as obras de Caridade. Nesse terceiro grau, ela acreditava que quanto mais ela se doasse ao próximo, fazendo obras de Caridade (e desse modo, destruindo sua vontade), ela estaria chegando mais perto de Amor. Como bem observa Ceci Mariani:

Por decisão do espírito ardente de desejo de amor, a alma multiplica as obras de perfeição, com o intuito de oferecer ao seu bem-amado o que ele ama. Assim, a criatura nesse estado [terceiro grau] ama as obras de bondade e os sacrifícios que elas implicam. No entanto, nesse ponto, a alma começa a considerar que o maior sacrifício para ela seria, todavia, se abster da obra que mais ama, das delícias de seu bom prazer e da vida segundo a vontade em que se nutriu. Ela, então, se obriga a abster-se da obra e da vontade para destruir seu próprio querer (MARIANI, 2008, p. 152).

Mesmo que a Alma queira multiplicar as obras da caridade para destruir sua vontade e agradar a Amor, ela reconhece que esse é um trabalho árduo, não é fácil para ela ir contra o que ela é por natureza. Percebendo que os trabalhos externos, as obras de Caridade, não diminuía sua vontade, mas, pelo contrário, só a aumentava, a Alma resolve deixá-las de lado.

É no quarto estado que a Alma abandona os trabalhos externos. A Alma passa a viver uma vida de meditação, não podendo ser perturbada por qualquer coisa fora dela, e inebriada com o toque da pura delícia do Amor, ela não quer outra coisa que não seja o toque Dele: “não é surpreendente que tal Alma esteja enlevada, pois Gracioso Amor a torna completamente inebriada, tão inebriada que não a deixa compreender nada fora dele pela força com a qual a delícia” (PORETE, 2008, p. 190). Como observamos, a alma nesse estado de meditação encontra-se envolta no conhecimento da verdade do seu amado, possibilitando a contemplação interior que a faz de algum modo experimentar o conhecimento de Deus, que a deixa inebriada. Pelo fato de a Alma querer que seu Amado a toque, ela ainda está cheia de vontade, e isso é arriscado, pois a alma pode ficar encantada e satisfeita a ponto de não querer mais nada a não ser aquilo que Amor lhe dá nesse grau e perder os estados posteriores, que são mais elevados. Segundo Ceci Mariani:

O quarto [grau], é talvez o mais perigoso pelo seu poder de sedução, perigoso pelo risco de interromper-se um itinerário em que é possível ainda vivenciar mais dois estágios até o último estágio na eternidade. Nesse estado, a alma é absorvida por elevação de amor em delícias de pensamentos graças à meditação e desprendida de exigência exterior (trabalho e obediência) graças à elevação da contemplação. [...] Ela sabe e procura repetir sempre que, grande risco corre, aquele que perde de vista a plenitude, confundido pelas vantagens ou pelas delícias que experimenta nos estágios intermediários, por não haver realizado o êxtase de si mesmo que o levará de fato à verdadeira transfiguração (MARIANI, 2008, p. 153).

Marguerite teme que as almas se limitem aos graus intermediários, e reconhece que o mais perigosos entre eles é o quarto. Justifica-se, então, a Alma acreditar que não haveria outro estado além desse, pois inebriada com as delícias de Amor, não acreditava que Ele daria algo maior que isso a ela. Como sabemos, essa Alma enganou-se, pois ainda há dois estágios mais elevados que este. Sobre esses estágios anteriores para a ascensão ao quinto estado, onde não há mais vontade, expressa Ceci Mariani:

Nesse itinerário, os quatro primeiros passos ainda implicam em grande escravidão, escravidão do pecado, escravidão da natureza, escravidão da razão, escravidão do desejo. Nesses estágios, a alma embarçada consigo mesma, vive contradições e constrangimentos. O quinto estado será para Marguerite um marco fundamental. Depois de morta para o pecado e morta para a natureza, a alma que se dispôs a empreender esse caminho, experimenta a morte para o espírito, porta de entrada para a vida de glória que será plena somente quando da união definitiva com o amado *Loin-Près* (MARIANI, 2008, p. 145-146).

Enquanto nos quatro primeiros graus a alma vive um conflito consigo mesma, com sua vontade, dependente do pecado e da natureza, no quinto estágio ela consegue enfim aniquilar sua vontade, quando reconhece sua maldade e, por isso, seu nada. Agora, no quinto estado, ela está mais próxima do que nunca de unir-se ao seu Amado. No quinto estado a Alma encontra-se quase aniquilada, é com a morte da vontade que a Alma consegue desprender-se das coisas do mundo para então ter sua união mística com Amor, que se dá somente no sexto estado. A vontade, agora, que existe na Alma, é a vontade do ser de Deus, conforme afirma Amor:

Não é mais a sua vontade que o quer, mas é agora a vontade de Deus que quer nela; pois essa Alma não permanece no Amor, que a faria querer isso por meio de algum desejo; ao contrário, é o Amor que permanece nela, que tomou a sua vontade e por meio dela realiza a sua própria vontade. [...] Essa Alma não sabe mais falar de Deus, pois está aniquilada de todos os seus desejos externos e dos sentimentos internos, e de todos os afetos do espírito, de tal forma que ela faz o que faz pela prática dos bons hábitos, ou pelos mandamentos da Santa Igreja, sem nada desejar, pois a vontade, que lhe dava o desejo, está morta (PORETE, 2008, p. 39).

Livre de sua vontade, a alma, com a vontade de amor operando nela, consegue que seu Amado venha a ela, pois se fosse preciso que a alma fosse a Deus ela estaria cheia de sua vontade. Desse modo, a alma tem que se preparar, através dos graus percorridos, para receber seu Amado e ser morada Dele. Compreendemos, pois, que se a vontade de amor é que

permanece nessa alma, ela não deseja mais nada por si, mas faz o que tem que ser feito pela prática dos bons hábitos, ou seja, faz o que precisa ser feito sem vontade, por mero costume. Como explica Sílvia Schwartz sobre a importância da morte da vontade da alma:

À medida que a vontade permanece no mundo criatural, das coisas, o intelecto estará limitado a esse mundo e, portanto, o conhecimento será de um tipo particular. A alma deve devolver sua vontade a Deus livremente para atingir o estado de perfeição espiritual. Ela deve se esvaziar, se tornar um verdadeiro nada que pode ser preenchido apenas pela vontade e pela compreensão divinas. Se a perfeição é atingida, no estado de aniquilação, a alma não deseja mais sua própria vontade, mas apenas o desejo divino deseja nela (SCHWARTZ, 2005, p. 257).

É necessário que a alma passe pela morte de sua vontade, pois ela, como já falamos anteriormente, sempre guiará sua vontade para os limites de seu mundo, não podendo chegar ao todo de seu Amado por ela mesma. Sendo assim, a alma deve devolver a seu amado a vontade que ele lhe deu e ela, por sua vez, não sabe utilizar. Devolvendo sua vontade a Deus, a alma fica livre de tudo que dantes lhe afastava Dele, agora, como nada, seu amado pode fazer, finalmente, a vontade Dele, nela, sem ela.

A Alma no quinto estado encontra-se em constante queda, em um abismo que não tem fundo/fim, esse processo de cair vai levando a Alma à compreensão de seu ser, onde ela percebe/compreende, mesmo sem poder compreender, já que nesse estado ela não está mais ligada ao mundo nem às coisas exteriores a ela, inclusive a sua própria compreensão, de que ela é a maldade total, e por compreender sua maldade compreende também que não poderá compreendê-la por completo. No oposto a sua maldade total está a Bondade total/Deus, que ela compreende como Ele sendo e ela não sendo. Como observa Marguerite no Capítulo 117:

Sou a soma de todo o mal, pois contendo em minha própria natureza o que a maldade é, portanto, sou pura maldade. E Ele, que é a soma de todo o bem, contém em si, por sua própria natureza, toda a bondade. Portanto, Ele é toda bondade. Assim, sou a maldade total e Ele é a bondade total (PORETE, 2008, p. 185).

Compreendendo que é a pura maldade em contrapartida ao todo bondade, a Alma agora compreende que é nada, momento importante para o aniquilamento, pois é com essa compreensão de sua maldade, que Deus lhe dá tudo e que a alma encontra a mais perfeita

liberdade. Essa liberdade a deixa livre de todas as coisas, inclusive de si mesma e, por isso, não tem nada que lhe impeça de, agora aniquilada, unir-se ao Todo Amor.

A Alma, em seu estado máximo de aniquilação, sexto grau, não pertence a mais ninguém, nem a si e nem a Deus, mas da experiência que o *Loin-Près* (Longeperto) lhe dá de ver sua Alma glorificada. Vale ressaltar que esse “ver-se da Alma” dura pouco, apenas uma centelha, e ninguém pode falar nem da abertura nem do fechamento dessa centelha pelo estado de aniquilação que esse movimento lhe dá. Em outras palavras, esse movimento de abertura e fechamento da centelha que faz a Alma se enxergar glorificada dura pouco e ninguém pode falar dele, devido à sua duração ocorrer somente num instante de uma centelha, que realiza sua obra antes que a Alma tenha qualquer compreensão de tal obra. Ela, após vê-la em glória, esquece qualquer coisa que tenha visto devido a aniquilação que ela sofre. Nas palavras da autora:

A obra da centelha, enquanto dura, não é senão a demonstração da glória da Alma. Isso não permanece por muito tempo em nenhuma criatura, exceto somente no espaço de seu movimento. Por isso, tal dom é nobre, diz Amor, pois realiza sua obra antes que a alma tenha qualquer percepção ou consciência de sua operação (PORETE, 2008, p. 111).

A Alma ao ser levada ao sexto estado – e sua permanência nesse grau dura pouco e ela logo volta ao quinto – não pode falar nada a respeito do que ali viu, pois o momento que ela se vê glorificada, estado (sétimo) que Amor promete as Almas depois que estiverem com Ele na glória eterna, que ocorrerá quando a Alma deixar o corpo para viver perpetuamente com seu amado, dura o instante de uma centelha. Amor opera essa demonstração tão rápido na Alma, a fim de que ela não possa ter a compreensão para falar qualquer coisa a respeito, que o que ela pode dizer, com certeza, é do aniquilamento que sofreu. É por esse estado máximo de aniquilação, que nem mesmo a alma tem a compreensão do que lhe acontecerá, que ela pode transformar-se una com Deus e refletir sua imagem. Segundo Sílvia Schwartz:

Quando a alma, criada para desejar a vontade divina, atinge a aniquilação, Deus se vê na alma como num espelho. Essa “clarificação”, que permite que Deus se veja na alma, representa o ápice da aniquilação e seu corolário. Seguindo-se à dissolução do sujeito humano, a “morte” mística figurada como aniquilação tem como seu reverso indissolúvel a vida simples e clarificada da alma nobre e gentil que, tendo se tornado o espelho sem mácula de Deus, agora repousa em paz (SCHWARTZ, 2005, p. 237).

Se a Alma pudesse se ver (sexto grau), o que não pode, nem a ela nem a seu Amado, mas Ele se vê nela, refletiria no espelho a imagem de Deus. Essa imagem refletida no espelho não é senão a sua própria imagem, também unida a seu amado e transformada nele: ela se torna a própria divindade, pois como não se pode distinguir, quando unido ao mar, o rio que deságua nele, tornando-se uno com ele, tampouco poderá distinguir a alma do seu Amado no momento que ela se une com Ele. Marguerite nos mostra a importância do olhar para si para que possamos compreender/sentir Deus, pois não precisamos sair de nós e procurar no mundo mediações que nos aproximem Dele, pois Amor já mora em nós. O que falta somos nós (alma), despojados de nós mesmos, encontrarmo-nos com nosso Amado no mais íntimo de nós. Mesmo Deus estando tão perto de nós, pois Ele colocou em nossos corações a eternidade, ele encontra-se longe também (*Loin-Près*) por causa do pecado que o homem carrega dentro de si. É com esse pensamento que Marguerite Porete resolve ensinar as almas, que estão sobre o domínio da Razão, o caminho, os graus que deverão percorrer até chegar a seu Amado.

CONCLUSÃO

No itinerário que a Alma percorre até chegar a Amor e unir-se a Ele, ela é diversas vezes interrompida por Razão que sempre tem dúvidas e questionamentos a respeito dessa conversa/instrução da Alma e do Amor para os seus ouvintes. Nessa caminhada a Alma é chamada a morrer três mortes e a passar por seis graus, os quais possibilitarão o esvaziamento da alma para que, vazia de si, ela possa estar cheia de Deus. Como observa Marguerite, depois da total escravidão vem a liberdade perfeita. A alma aparece como escrava nos primeiros quatro estados, observando os mandamentos, vivendo uma vida de virtudes, intensificando essa vida virtuosa através de obras de caridade e lutando contra a vontade do espírito. Com esses estados a alma morreu para o pecado, primeiro grau e para a natureza, segundo grau.

Os três primeiros estágios estão voltados à vontade da alma, a vontade que está sendo claramente exteriorizada; já no quarto grau, temos o estado de meditação e da contemplação, aquele em que a alma abandona as coisas externas, as vontades externas, mas nutre a vontade interna, a de querer seu Amado. Sendo assim, nesse estágio, a alma ainda está cheia de vontade. Inebriada nas delícias de Amor a Alma acreditava que Ele não poderia oferecer-lhe algo mais elevado, atingindo, portanto, o auge de sua experiência mística. No entanto, como vimos, tal Alma enganou-se, pois ainda há dois graus mais elevados que este. Logo, enquanto a alma estiver cheia de sua vontade, um desejar algo para si, ela não poderá experimentar a liberdade perfeita que o aniquilamento lhe dá.

No quinto grau a alma vai morrer para sua vontade, é nessa morte que ela consegue ver, com ajuda de Amor, o tamanho de sua maldade/pecado e, por sua maldade ser tamanha, ela nem mesmo consegue imaginar o quanto de maldade há nela. Por outro lado, no sentido oposto da sua maldade está Deus, que é a bondade total. É compreendendo a sua maldade que ela vê seu nada em oposto ao tudo de Amor, que a transforma. Além desse quinto estágio ainda há mais dois: o sexto grau é aquele que a alma é levada a se ver glorificada, mas isso dura pouco, somente um o abrir e fechar de uma centelha, e ela logo volta ao quinto, sem cair para o quarto grau; e o sétimo estado da alma corresponde aquele que Amor dará as almas que viverão perpetuamente com Ele, assim, o sétimo grau só é possível quando deixarmos esse mundo para vivermos ao lado de Deus.

No decorrer da instrução, a experiência mística da autora se vê limitada pela linguagem que se estabelece como finita e é por isso que a cada grau o problema da linguagem vai se formando como limitador da compreensão sobre aquilo que se quer falar, pois enquanto finita e limitada, a linguagem não nos possibilita falar sobre o indizível. A linguagem é substituída, pois, pelo mais puro silêncio que nos fala o que nenhuma palavra conseguiria falar sobre o Divino. A linguagem apofática está expressa em Marguerite no completo abandono da vontade, quando a Alma aniquila sua vontade e, com isso, o desejo de falar de Deus ou conhece-lo, pois para estar no nada, ela (Alma) chega ao que poderíamos dizer a perfeição da compreensão de Deus. Já que Deus é completamente estranho à linguagem e, por isso, falar de Deus é diminuí-lo ou querer restringi-lo ao humano, a proposta da mística termina (tem seu ápice) no silêncio. E quando aniquilada, a alma não mais precisa falar de Deus, pois já não mais há necessidade, tendo em vista que ela está n'Ele. É no aniquilamento (esvaziamento) de si, estando a alma em seu nada – e a liberdade da alma em seu nada está em deixar-se a si para ser parecida com Deus – que ela é preenchida com Amor/tudo. A Alma se aproximou tanto do Deus/Amor a ponto de unir-se a Ele e, tornando-se uma só com Deus, ela tornou-se o espelho Dele e o que ela reflete agora é a imagem de seu Amado.

REFERÊNCIAS

Fonte primária:

PORETE, Marguerite. **O Espelho das Almas Simples: e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. Petrópolis: Vozes, 2008. Tradução de Sílvia Schwartz.

Fontes secundárias:

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição: A religiosidade no final da idade média, as beguinhas e Margarida Porete**. São Paulo: Hagnos, 2012.

BORGES, Paulo. “Do bem de nada ser: supra-existência, aniquilamento e deificação em Marguerite Porete”. In: **Metábasis**, California, v. 2, n. 1, p.1-20, set. 2006.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. **Marguerite Porete, teóloga do século XIII: Experiência mística e teologia dogmática em O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porete**. 2008. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Puc-sp, São Paulo, 2008.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. “Espelho da literatura, reflexo do sagrado: Reflexões filosóficas sobre a mística de Marguerite Porete”. In: **II SEMINÁRIO DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA PARAÍBA - SÁBIAS, GUERREIRAS E MÍSTICAS: HOMENAGEM AOS 600 ANOS DE JOANA D'ARC**, 2., 2012, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Universitária/ufpb, 2012. p. 127-135.

_____. Maria Simone Marinho. *A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão*. In: http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2013_02_07.pdf Acesso em 22 de junho de 2014, p. 153-173

_____. Maria Simone Marinho. “Dizer o indizível: a mística medieval enquanto transgressão da linguagem ordinária”. In: **Jornadas de Filosofia Medieval – Ciclo 2012/Nacional 2**. Campina Grande/Paraíba. Jornadas de Filosofia Medieval – Anais eletrônicos. UEPB e Principium, 2012, p.110-120.

SCHWARTZ, Sílvia. **A béguine e al-Shaykh**: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn' Arabi. 2005. 327 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

_____. Sílvia. “Marguerite Porete: Mística, Apofatismo e Tradição de Resistência”. In: **Numem: Revista de estudos e pesquisa da religião**. Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 109-126.